

Real mostra as duas faces

Se é verdade que o Plano Real melhorou a vida do brasileiro, ao proporcionar mais estabilidade e mais consumo, também é verdade que deixou mais clara a ameaça do desemprego, por causa da abertura às importações e da modernização tecnológica. São as duas faces da moeda do Real.

Dos dois mil entrevistados, 54% acham que o Real melhorou suas vidas, contra 16% que acham

que o plano lhes foi desfavorável. Para 30%, o plano não trouxe nenhuma mudança. Na classe de renda de dois a cinco salários mínimos, 57% acham que o plano melhorou (um pouco

ou muito) as suas vidas. Esse índice cai para 52% entre os entrevistados com renda acima de dez salários mínimos.

O consumo é um dos pontos fortes do Real: 57% compraram mais alimentos, 46% compraram mais roupas e sapatos, 36% compraram mais eletrodomésticos, 26% compraram mais livros e discos e 17% viajaram mais. Outro dado importante sobre o consumo é que 31% dos entrevistados passaram a fazer mais crediário depois do Real.

Na faixa de dois a cinco salários mínimos (32% da amostra), 61% passaram a comprar mais alimentos, 41% compraram mais eletrodomésticos, 50% compraram mais roupas e sapatos, 26% compraram mais livros e discos, 18% viajaram mais e 35% passaram a fazer mais crediário.

PREÇOS

De acordo com a pesquisa, as maiores ameaças ao Real são a recessão e o desemprego (17% dos entrevistados), aumento dos preços dos serviços públicos (16%), juros elevados (15%) e descontrole nos gastos públicos (13%). Apesar disso, a expectativa em relação ao desemprego manteve-se estável em 1996.

Em fevereiro, 38% estavam com muito medo de ficarem desempregados, percentual que se repetiu na pesquisa de dezembro, depois de uma queda para 32% em agosto.

Já o percentual dos que estavam com pouco medo de serem afetados pelo desemprego caiu de 23% em fevereiro para 22% em dezembro.

O número dos que não estão com medo do desemprego cresceu de 29% em fevereiro para 31% em dezembro. Entre os entrevistados, 6% disseram estar desempregados em fevereiro, percentual que cresceu para 8% em agosto e caiu a 5% em dezembro.

A faixa etária que tem mais medo do desemprego é a compreendida entre 25 e 39 anos (40%), seguida da faixa de 40 anos ou mais (38%).

Dos entrevistados entre 16 e 24 anos, 37% disseram temer muito o desemprego. A pesquisa mostra que 26% dos mais jovens são propensos a um temor moderado do desemprego.